

Instituto SEDES SAPIENTIAE  
Departamento de Psicanálise

## **Breves notas sobre a fantasia (*Phantasie*) em Freud**

*Dichter* é o que tem o *fazer artístico* sem ter o *saber* psicanalítico (\*)

---

(\*) O intraduzível termo alemão *Dichter* remete a toda uma gama variada de criadores artísticos, tais como os romancistas, os dramaturgos, os contistas, os poetas, mas também é fácil estendê-lo a todos que elaboram frases chistosas a jorrar sem censura do inconsciente e a provocar risos hilariantes de Outro (e também – porque não? – aos que rabiscam frases criativas nos muros das cidades de todo o mundo, os chamados de grafiteiros da poesia). O saber psicanalítico freudiano do inconsciente parece mover esses encantados fazeres artísticos, sem que eles, os seus criadores, disso sabiam em plena consciência.

*É preciso ser sem escrúpulos, trair-se, expor-se,  
comportar-se como o artista que compra tintas com o  
dinheiro da casa e queima móveis para que o modelo não  
sinta frio. Sem algumas destas ações criminosas,  
não se pode fazer nada.*

Sigmund Freud\*

---

\* Esta citação, encontrei-a no inspirador livro da  
psicanalista Noemi Moritz Kon,  
*Freud e seu duplo*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996

## Introduzindo

Esta monografia, como logo vai se perceber, é composta por três partes. Na primeira delas, irei à procura nada simples de uma definição da palavra “fantasia” em alguns textos psicanalíticos originários, os de seu fundador Sigmund Freud. Pelo caminho, em livros e dicionários, encontrei que o termo “fantasia” (*Phantasie*), na língua alemã, recobre os sentidos de *imaginação*, como também os de *imaginar* e de *atividade criadora*, e são apropriados por Freud nestas variadas acepções, e talvez, em outras, que ainda desconheço<sup>1</sup>.

Sendo aqui pois, *imaginação*, *imaginar*, *atividade criadora*, o termo “fantasia” pode talvez se aparentar com espécies de intrigantes aves a voar entre as fretas do nosso psiquismo, acompanhando, sem tocar o chão, as idas e vindas do (dialético) pensamento freudiano. E eu, por meu lado, voarei junto com as fantasias freudianas, movida pela mais pura teimosia obsessiva de aprisionar em gaiolas e, às vezes, de explicitar em conceitos seus significados, muito amplos em psicanálise, e nem que seja em uma pequeníssima parte. Voarei assim em redor das minhas parcas leituras de Freud, percorrendo alguns de seus lados intrigantes, com a inteira certeza de meu despreparo de leitora apenas iniciante.

Na segunda parte, tendo me apropriado (aprisionado em gaiola, quem sabe ao certo?) alguns desses lados da fantasia freudiana, refletirei um pouco sobre relações entre a psicanálise e todos os tipos de criações literárias (apenas sonhando um dia talvez chegar até as frases poéticas nos muros das cidades do mundo). Para tanto, caminharei pelo interior de alguns textos os quais, na obra de Freud como um todo, já foram denominados de “ciclo da fantasia”, ou ainda, de pesquisas que privilegiavam a temática “fantasia”<sup>2</sup>. São os seguintes esses tex-

---

<sup>1</sup> Ver, em particular, Laplanche e Pontalis. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 169.

<sup>2</sup> Breve exemplificação. O psicanalista M. A. Coutinho Jorge recorta um “ciclo da fantasia”, e assim escreve: “Entre 1906 e 1911, Freud se debruçou quase exclusivamente sobre o problema da fantasia, abordando-o dos mais diversos ângulos. Proponho que se denomine esse segmento da obra de *ciclo da fantasia* e se veja nele um período áureo da reflexão clínica freudiana.” (M.A.C. Jorge, *Fundamentos da Psicanálise, De Freud a Lacan*, “2. O ciclo da fantasia”, Rio de Janeiro, Zahar, p. 38). Laplanche e Pontalis se referem a um período semelhante, que, no entanto, iria “(...) de 1906-1909, quando a fantasia suscita uma multiplicidade de pesquisas [de Freud]”. (Laplanche e Pontalis. *Fantasia Originária, Fantasias das origens, Origens da Fantasia*. Col. “Transmissão da Psicanálise”, 5, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

tos, ressaltando-se que fiz um recorte apenas meu, no interior das escolhas de outros autores: “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” (1907 [1906]), “Escritores criativos e devaneios (1908 [1907]), “Romances familiares” (1909 [1908]). Enfim, estenderia ainda mais esse recorte, se não estivesse premida pela brevidade desta monografia. Infelizmente tenho que descartar o artigo “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1911), denso e brilhante texto, que contudo ficará me acenando de longe, sendo pano-de-fundo das reflexões que farei a seguir.

Na parte que encerra esta monografia, em poucas linhas, irei deslindar um projeto literário meu, de narrar a história-estória da vida de uma jovem mulher judia, sendo tal criação fantasística um jorro do meu inconsciente, que nem sei bem como explicitar as raízes, criação enfim, devaneio poético-psicanalítico.

## Fantasia de Freud

“(…) *Eros* que mantém unido tudo o que há no mundo (…)”  
Sigmund Freud<sup>3</sup>

De início, olho fixamente para *o existir* da fantasia no conjunto de textos de Freud, aqueles que percorri até agora, e olho para este conjunto *de fora*, como se o imaginar-criar freudiano me aparecesse na forma de um brinquedo, de um quebra-cabeças interessante para se jogar à toa, à tardinha, vendo o sol se ir no horizonte. Intrigada, me pergunto: existe tal jogo ou brinquedo chamado “aparelho psíquico”, inventado por Freud, ou esse ser é uma simples fantasia deste autor? Alto lá! diriam alguns, vá com calma! É verdade! respondo apressada, e dobro-me à evidência: é certo que começo do fim, pois esse algo transformado em *aparelho* (como há outros em nossos corpos, *aparelho* digestivo, *aparelho* cerebral, e assim vai...), foi sendo inventado aos poucos, no decorrer de longos anos de vida de Freud. De início

---

<sup>3</sup> Freud, S. *Psicologia das massas e Análise do Eu*. In *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, vol. 15, p. 45.

ele o chamava de “primeira tópica” (do grego antigo *topos*, ou seja: *lugar*), com isso querendo dizer Freud que o aparelho psíquico tinha um *lugar* no corpo humano. Porém, por certo, se existe tal *topos*, não poderia ser um “lugar” para ser visto por olhos humanos, e é assim desde do começo. Psiquismo: ser *invisível* mas que, como explica Freud nos “Três ensaios da sexualidade infantil” (1905), nasceu do *visível*, do corpo nasceu, do corpo infantil, quase voando como bela ave após o chuchar [*Ludeln* ou *Lutschen*], ou seja, o “sugar com leite o seio materno” – a deusa *Necessidade* satisfeita prazerosamente! – e que depois, ou quase ao mesmo tempo, torna-se delirante prazer puro (ou algo bem semelhante a ele)<sup>4</sup>.

Estranho ser é então esse chamado “aparelho psíquico” que nasceu do corpo, não sendo corpo! Invisível-visível. Ou uma fantasia de Freud? me pergunto ainda sem respostas definitivas. A ele Freud foi agregando partes e mais partes, construindo o enigmático brinquedo-jogo como ser visível-invisível (consciência, pré-consciente, inconsciente: ou talvez, colocados em ordem inversa, pois foi o inconsciente a descoberta de Freud). Imagem da primeira tópica esta que pode até ser desenhada no papel, em três partes, e quase dá para ver a sua figura, de tão nítida. Contudo, há ainda a chamada “segunda tópica”, bem menos positivista que a primeira, aliás: nada positivista!<sup>5</sup>

Na segunda tópica, os limites hierárquicos e sobrepostos se diluem e se apagam para sempre: nada de *hierarquias* endógenas, portanto! Na “Conferência 31”, o a imaginação criadora de Freud encontra as palavras perfeitas: “Não podemos fazer justiça à peculiaridade da psique mediante contornos nítidos, como no desenho ou

---

<sup>4</sup> Freud, S. *Três ensaios sobre a sexualidade infantil*. In: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. VII, “O chuchar”, p. 169.

<sup>5</sup> E não estariam beirando o positivismo médico estas hierarquias que existiam na primeira tópica (consciente, pré-consciente, inconsciente)? não seria ela tal como escada ascendente (ou seja: uma escada-ordenação rígida construída a partir de relações de subordinação, um degrau antes de outro, mais alto)? Talvez ainda aqui se encontrem resíduos da formação médico-neurológica de Freud, calcada no paradigma orgânico-positivista, que se vê e se toca. Assunto que me interessa: pesquisas novas à vista! (ver, em particular, Peter Gay. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012, pp. 95, 136-137; L. O. Benoit. “O Paradigma da Biologia”, in: *Sociologia comteana: gênese e devir*, Discurso: Fapesp, 1999).

na pintura primitiva, mas sim como áreas cromáticas que se fundem umas nas outras, como nos pintores modernos” (p. 223). Psique diluindo-se em áreas cromáticas a se transpassarem umas a outras: o Eu não existe apenas como um em *si mesmo* centrado, mas também incorpora partes do inconsciente; o Super-eu entrelaça-se ao Id (inspirando-se Freud em Nietzsche e Groddeck)<sup>6</sup>; e o Id – fantasia completa de todos os nossos desejos em estado de pureza absoluta – entrelaçando-se às vezes ao consciente, alimentando o Super-Eu, que se mescla ao Ideal do Eu, produzido, em grande parte, por nossas identificações com outros, introjetando as figuras parentais idealizadas, enraizadas no complexo de Édipo – e não se sabe mais para quais outros *lugares* se espraia a totalidade do ser visível-invisível do aparelho psíquico que nos habita! E sendo todas elas – quem sabe? – fantasias de Freud, ainda mais delirantes, estas da segunda tópica!

Lembro agora de uma leitura minha, bem recente, e vejo que não teria sido destituída de sentido a observação, ali citada, feita pelo psiquiatra Krafft-Ebbing, que certa vez disse que “a etiologia da histeria soa como um conto de fadas científico”, ao deparar com as palavras de Freud que escreveu que “suas” neuróticas eram mulheres que “sofriam de *reminiscências*” (do artigo “A etiologia da histeria (1896)).<sup>7</sup> De qualquer modo, *reminiscências* todas elas, as *lembranças* de tempos de outrora, da infância, estas são o fantasiar, e o mais puro exercício de imaginação, tanto quanto os contos de fadas dos irmãos Grimm, em devaneios sobre a existência de fadas, bruxas e princesas, em encantamento permanente. Para Freud entretanto o que mais interessava era o *conteúdo* das reminiscências de “suas” histéricas: elas teriam sido seduzidas por seus pais, em uma “*cena real*”. Ainda assim, vejam: não seriam tais cenas reais produzidas por fantasias que a *imaginação* de Freud criou, e que fez com que a cena da sedução (universal) aflorasse na sofisticada fala das histéricas? E ele mesmo escreveu, bem mais tarde,

---

<sup>6</sup> Freud presta reverência à descoberta do Id, feita por seu contemporâneo, o psicanalista Georg Groddeck que tinha escrito *Das Buch von Es [O Livro do Id]* (1925). Comenta Freud: “Groddeck (...) está sempre a enfatizar que somos ‘vividros’ por poderes desconhecidos e incontroláveis”, ou seja, o Id, encarnando esses poderes” (ver Freud, S. *O Eu e o Id*. Trad. P.C. de Souza. In: *Obras completas* volume 16, p.28)

<sup>7</sup> Richard von Krafft-Ebbing (1840 - 1902), psiquiatra alemão, autor de *Psychopathia sexualis* (1886). Cit. de Renato Mezan, *Freud, pensador da cultura*, São Paulo, Cia. das Letras, 7ª. ed., 2006, p. 125.

em 1933: “(...) Afinal percebi que esses relatos não eram verdadeiros, e vim a compreender que os sintomas histéricos derivam de fantasias, não de acontecimentos reais. Somente depois pude reconhecer, nessa fantasia da sedução pelo pai, a expressão do típico complexo de Édipo na mulher.”<sup>8</sup>

Na obra de Freud, um pouco mais tarde, este chamado “complexo de Édipo” aflorou vitorioso para substituir a cena da sedução (ou talvez, o Édipo da psicanálise progredisse lado a lado ao abandono dessa primeira teoria freudiana da sedução)<sup>9</sup>. Sabe-se que o *Imaginar* dos gregos antigos aflora na tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, que tinha sido leitura do jovem Freud<sup>10</sup>, e que finalmente foi representada, em seus textos, como o *imaginar* de um complexo de Édipo de todos os humanos, conservando sempre os elos da psicanálise com a cultura universal. Eros de Freud – a tríade amorosa edipiana – , sedução apenas imaginada, essa tragédia inventada que nos acena, ao menos como pano-de-fundo, na totalidade dos escritos de Freud (como nos tem desenhado uma breve imagem o roteiro de nosso curso atual). Fantasia de amor edipiana enfim que, tomada por qualquer lado, é ao mesmo tempo conteúdo do imaginar ou da atividade criadora, envolvendo a psicanálise, do começo ao fim, sendo ela “(...) o objeto psicanalítico por excelência”.<sup>11</sup>

E parece mesmo que não há como escapar das redes da fantasia no universo da psicanálise freudiana: “fantasia sendo... um roteiro de múltiplas entradas... encontradas nos mais diversos níveis da experiência psicanalítica, dada, interpre-

---

<sup>8</sup> Freud. “A Feminilidade”. In *Obras completas. Novas conferências Introdutórias*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, p.274.

<sup>9</sup> Laplanche e Pontalis, op.cit., ed. cit., fazem comentários sobre tais discussões nunca respondidas definitivamente, que permanecem ainda agora em enigma (ver capítulo “Um roteiro de múltiplas entradas”, pp. 63 e sgs., ed.cit.).

<sup>10</sup> Alessandra Caneppele (UNICAMP-IEL). “Do *Édipo rei* de Freud ao Platão de Lacan” <http://www.antiguidade.org/pdf/22-23/22-23-Alessandra.pdf>

<sup>11</sup> Laplanche e Pontalis, op. cit., p. 43.



tada, reconstruída, postulada (...)”, escrevem Laplanche e Pontalis. “Cenas originárias” (*Urphantasiën*)<sup>12</sup> como pensava Freud, sobre as nossas primeiras experiências fantasísticas organizadoras da libido, o produto de nossas primárias identificações, sendo, ao mesmo tempo, origem primária da minha e da nossa ontogênese; depois (ou quase ao mesmo tempo, ou entrelaçada), a fantasia da castração, ou do abandono trágico dos objetos parentais, sendo de todos nós, universais portanto, e ao mesmo tempo, havendo enterrado suas raízes inconscientes em heranças de gerações passadas (nossa filogênese), sempre reabertas como feridas incuráveis – a nossa comum castração –, no centro da minha e da sua ontogênese.

Porém há ainda, entre tantas outras, algumas *fantasias* que podem se revestir de outras vestimentas, mais prazerosas, sendo o belo estético em si mesmo, e que são o tema que persigo agora, na continuidade deste trabalho.

## Reinventado o ciclo da fantasia

### 1.

Percorrendo os escritos do *ciclo da fantasia* – aqui reinventado por mim – encontro, de início, o ensaio de Freud, que leva o título “Delírios e sonhos na *Gravida* de Jensen”. Freud escreve uma magnífica narrativa, uma sofisticada explanação de sua autoria – fantasia literária, enfim! – do conteúdo do livro *Gradiva*, do escritor Wilhelm Jensen.<sup>13</sup> Porém, antes de nos introduzir em sua narrativa, Freud menciona

---

<sup>12</sup> “Profundamente enterrada sob todas as fantasias, descobrimos uma cena que remonta aos tempos originários (antes dos 22 meses), a qual satisfaz a todas as nossas exigências e na qual desembocam todos os enigmas ainda por resolver” (Freud, Carta 126, *La Naissance de la psychanalyse*, cit por Laplanche e Pontalis, op.cit. p. 45). Sendo que comentam estes autores que “essas cenas dos tempos originários, essas cenas verdadeiras, Freud as designa então pelo nome *Urszenen* (cenas ‘originárias’ ou ‘primitivas’)” (op.cit., p. 46).

<sup>13</sup> Note-se que Freud começa este artigo, narrando, ou melhor, *reescrevendo* o texto de Outro autor, ou seja W. Jensen, em seu livro *Gradiva*. Outras vezes, e são inumeráveis, e se repetem, Freud começa pela *palavra escrita e concreta* (ao modo dos escritores das vanguardas européias e russas, do começo do século XX, seus contemporâneos: os surrealistas, os concretistas e outros mais...). Ou seja, Freud inicia um texto reescrevendo a fala de Outro (e para tanto se utilizando de todos os recursos da literatura mais sofisticada, da qual foi leitor assíduo). É o caso de “O homem dos ratos” que Freud começa passando a palavra ao paciente, em longo trecho entre aspas e que é afinal uma narrativa *recriada* com suas próprias palavras. Ou então, nas “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*dementia paranoides*), 1903”, conhecido como o “caso Schreber”, no qual Freud *reescreve* o conteúdo do livro de autoria do célebre paranóico Daniel Paul Schreber (1842-1911), as suas célebres *Memórias de um doente dos nervos* (em trad. da psicanalista Marilene Carone, ed. Paz e Terra, 1995). Reconstrução literária esta, pois nunca Freud se encontrou com este

a controvérsia, então existente, “a respeito do caráter dos sonhos”. Segundo escreve, sempre se desenham duas posições antagônicas: de um lado, ficam aqueles que sorriem ironicamente à simples insinuação de que os sonhos possam ter um significado a ser interpretado; e do lado oposto, ficam as pessoas simples com sua crença em “superstições populares”, e também, “(...) os escritores imaginativos, que acreditam na existência de significados ocultos nos sonhos”, os quais nisto seguem “o partido dos antigos [gregos] e do autor [ele mesmo, Freud] da *Interpretação dos sonhos* [1900].” (p. 20).

Partido tomado, Freud inicia a *sua* narração de inegáveis e surpreendentes qualidades literárias, em interpretações analíticas dos sonhos delirantes do personagem central de *Grávida, Uma fantasia pompeiana*, um jovem arqueólogo, de nome Norbert Hanold<sup>14</sup>. Vai aos poucos Freud desenrolando a meada dos significados inconscientes dos sonhos de Hanold, que são ali descritos como desejos inconfessáveis por uma companheira de infância, e que agora aparecem, na forma de sonho, e de delírios, e desejos ardentes por uma mulher morta. Esta aparece como figura de gesso em baixo-revelo, descoberta nas ruínas arqueológicas de Roma, e que agora faz parte de uma coleção de antiguidades. A mulher que aflora nos sonhos e delírios, é uma jovem grega de andar sedutor<sup>15</sup>.

---

“paciente”! Estes múltiplos textos *reinventam* a fala de Outro, sendo Freud o autor literário destas imaginativas criações! Círculo interminável que vai da fala de Outro a sua apropriação pela narração imaginativa de Freud, e sempre recomeça uma vez mais, e tantas vezes, em tantos livros e artigos. (ver Mezan, R. *Freud, pensador da cultura*, ed.cit.).

<sup>14</sup> Apesar de Freud elevar o *Grádiva* a um interessante objeto para a análise de sonhos, ao mesmo tempo, parece ter depreciado a qualidade literária deste texto. Freud, em sua *Autobiografia*, 1925, se refere a *Grádiva* como “pequeno romance sem grande valor em si” (cit. por Roudinesco e Plon, *Dicionário*, p. 143). Parece mesmo que a narrativa de Freud se sobrepõe a do autor originário!

<sup>15</sup> Quem sabe Freud estivesse, ele também, fascinado pelo encantador e leve caminhar da sedutora jovem grega, transformada em *sua* personagem? Lemos no *Grádiva* estas palavras que manifestam o indisfarçável encantamento de Freud: “A escultura representava uma jovem adulta, cujas vestes esvoaçantes revelavam os pés calçados com leves sandálias, surpreendida ao caminhar. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. (...) o andar incomum e particularmente sedutor ...” (“Delírios e Sonhos na *Grádiva* de Jensen”. In edição Standard Brasileira, vol. IX, p. 22; ver ainda Roudinesco e Plon. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 143)

Hanold era invadido por tais fantasias de desejo pela jovem imaginada viva, à qual dá o nome de Gradiva (ou seja: *aquela que caminha*), até o desfecho dos seus delírios, e a diluição do sonho na realidade: a jovem era afinal a sua própria amada, Zoé Bertgang, cuja lembrança fora “soterrada” desde os anos de adolescência do jovem arqueólogo, sendo agora “escavada” pela análise de Freud, em clara referência metafórica ao destino de Pompéia antiga.

Seria verdade que o autor Wilhelm Jensen, ao escrever Gradiva, *sabia* desse saber psicanalítico voltado para a interpretação de sonhos e delírios? é a pergunta que se coloca a narrativa de Freud. Por certo, Jensen nada sabia desse *saber* particular! Porém isso pouco importava para o resultado estético da estória, nos explica Freud: “(...) o tratamento poético de um tema psicanalítico pode revelar-se correto, sem qualquer sacrifício de sua beleza”. Até porque, em qualquer personagem de uma estória das aventuras de Eros, como a de *Gradiva*, parece ocorrer o mesmo que em estados mentais patológicos: aparece-nos como fluído e impreciso “(...) o limite entre o que se descreve como estado normal e como patológico ... e é provável que cada um de nós o transponha muitas vezes no decurso de um dia.” (p. 47).

Não tendo como origem o saber psicanalítico – pode-se indagar, por certo – de onde nasce essa fonte (que parece inesgotável) da inspiração poética, que cria personagens literários tão aparentados a casos clínicos, personagens inventados que também tem sonhos e delírios, como as histéricas, os neuróticos obsessivos, os psicóticos, mas que aos poucos, como nos casos patológicos, podem tais criações literárias desvelar e adentrar lentamente ao princípio de realidade? Afinal, de onde brota essa inspiração da *arts poetica* que, mesmo assim, parece ter elos ocultos com o saber psicanalítico?<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> De igual maneira, parece Freud que se espantar com essa coincidência, quando escreve o que segue: “Quando, a partir de 1983, me dediquei a tais investigações sobre as origens dos distúrbios mentais, certamente nunca me teria ocorrido procurar uma comprovação de minhas descobertas nas obras de escritores imaginativos. Assim, fiquei bastante surpreso ao verificar que o autor de *Gradiva*, publicada em 1903, baseara sua criação justamente naquilo que eu próprio acreditava ter acabado de descobrir a partir das fontes da minha experiência médica. Como pudera o autor alcançar conhecimentos idênticos aos do médico – *ou pelo menos comportar-se como se os possuísse?*” (Freud. “Gradiva...”, ed.cit., p. 55, grifos meus).

2.

Investigar a fonte de inspiração dos escritores criativos é o que vai realizar Freud em artigo denominado “Escritores criativos e devaneios” (1908[1907]).<sup>17</sup> Onde estariam plantadas as raízes da *arts poética* na psique? é a questão colocada nesse texto tão inspirador. Freud sugere então o seguinte caminho: tentemos perguntar “de onde esse estranho ser, [o criador artístico] (...), retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e desperta-nos emoções das quais nem julgássemos capazes?” (p. 135). Ficamos até mais curiosos quando percebemos que o artista *não* tem respostas definitivas para nos dar, prossegue Freud, e mesmo que as tivesse, isso não alteraria em nada a nossa incapacidade de, por nós mesmos, nos tornarmos criadores artísticos. Freud, contudo, persiste na questão e firmemente acredita que é possível investigar tal origem enigmática da criação imaginativa, das fantasias e devaneios criados pelos artistas. Enfim, este artigo se propõe a investigar os elos ocultos que atam o fazer poético com outros modos da existência psíquica do prazer, pois é prazer mais puro – o prazer estético – o resultado que brota desse enigmático fazer.

Constata Freud, de início, que há criação poética na imaginação infantil, quando as crianças se entregam a suas brincadeiras ou jogos, e tais fantasias são invenções destinadas a desfazer o desprazer. A criança *reinventa* o mundo a seu modo! E não é isso muito semelhante ao fazer do artista que desfaz o feito e o refaz em outro arranjo (ah! o embelezar poético do mundo!), no conteúdo imaginário de suas obras artísticas? Então, para Freud, “o escritor criativo faz o mesmo que a criança quando brinca” (p. 135), ambos estão sob a plena vigência do princípio de prazer, prazer de brincar e prazer de criar o belo, que buscam intensamente, sem tréguas. Mas “a irrealidade do mundo imaginativo” do artista pode até mais: ela consegue fazer do desprazer, prazer, e do horrível, beleza, e do veneno, encantamento.<sup>18</sup> E assim, do mesmo modo, na idade adulta, também uns poucos privilegiados conseguem fazer

---

<sup>17</sup>O título original, “Der Dichter und das Phantasieren”, é intraduzível para nossa língua. Freud, “Escritores criativos e devaneio” (1908[1907]). In: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX.

<sup>18</sup> Assistam a uma tragédia de Shakespeare (1564-1616), assistam ao menos o *Hamlet*, e certamente, vão aflorar esses afetos ambivalentes em seu psiquismo, parece que Freud está a nos dizer agora!

do sério, um chiste ou um trocadilho, que parece jorrar da mesma fonte que o da *arts poetica*.<sup>19</sup> Certo também é que, em um número limitado de pessoas, acontece o seguinte: quando crescem, “ao invés de brincar, agora criam fantasias” e então, “constroem castelos no ar e criam o que chamamos de *devaneios*.” (p. 136) Fantasias como devaneios, brotam no psiquismo de adultos. Esse elo entre fantasia e devaneios, na verdade, é muito comum, mas as pessoas, no geral, se envergonham de expor esse conteúdo psíquico, e preferem ocultá-lo, envergonhadas. Há além desses, adverte Freud, “uma classe de seres humanos a quem, não um deus, mas uma deusa severa – a Necessidade – delegou a tarefa de revelar” esses conteúdos fantasísticos. São elas as “vítimas de doenças nervosas”, tratadas pela psicanálise, as quais desvelam esses segredos inquietantes, que outros ocultam com medo e zelo. Os sonhos dessas pessoas desvelam fantasias sonhadas ao analista.

A fantasia como devaneio tem outro elo difícil de ser desatado: aquele elo forte com os desejos insatisfeitos. Desejos que se ocultam no inconsciente de cada um, e que o artista, de maneira também inconsciente, acaba por expressar na forma-conteúdo da *arts poetica*. E Freud escreve então: “Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor – ênfase talvez desconcertante – deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil” (p. 141). Palavras que poderiam ser completadas por outras, de uma escritora contemporânea muito criativa – indo ela talvez até mais fundo que Freud, nesse seu artigo de 1908 –, ao escrever que “sendo o complexo de Édipo um fato humano universal, não há ficção, representação ou arte imagética que, de certa forma, não seja [do complexo de Édipo] ilustração velada”.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Ver minha monografia “Sonhos e chistes em Freud (leitura livre de *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*”, 2012.

<sup>20</sup> Robert, M. *Romance das origens, origens do romance*. Trad. A. Telles. São Paulo: Cosac Naif, 2007, p. 48.

3.

Retorno agora, se bem premeida pelo espaço que me resta, ao divã do psicanalista. Em “Romances familiares”, Freud reintroduz questões que afloram durante a análise, relativas ao abandono de ilusões edípicas do Eros incestuoso. Freud brilha em suas construções desse realismo mágico que são os romances familiares! Narra então a saga literária que é partilhada entre os indivíduos humanos. Ao crescermos, em parte ao menos, libertamo-nos da autoridade dos pais. Do psiquismo e dos corpos que crescem, nasce essa liberação tão necessária, de uma vez por todas. Contudo, há “uma classe de neuróticos cuja condição é determinada visivelmente por terem falhado nessa tarefa” (p. 219). Tais neuróticos, e raramente de modo consciente, mas também as “pessoas bem dotadas”, quando analisados se recordam desse momento particular, que pode ser caracterizado por “uma atividade imaginativa estranhamente acentuada”, atividade psíquica que resulta em fantasias romanceadas, nas quais os verdadeiros pais são negados, e substituídos por outros, supostamente mais dignos, na trama da *estória* das origens pessoais! Indo mais fundo, Freud vislumbra as fantasias que elaboramos para “escapar” das garras do desejo incestuoso parental, para imaginar outra narrativa romanceada de outras origens que não as nossas verdadeiras. Encenações fantasísticas que produzem enredos, narrativas literárias, apoiadas talvez em leituras literárias. Tais romances familiares respondem à angústia da situação edípica, brotam dos múltiplos caminhos que se originam do complexo de Édipo, sendo um de seus momentos cruciais.

#### Romance de outras origens

Minha criação ficcional se desenha como um romance sobre o psiquismo de Outro, o de uma jovem mulher judia. Pontas de histórias-histórias que se tocam: as do Outro psíquico e as minhas origens na criação artística de um romance. Volto então à intrigante questão colocada por Freud no decorrer deste trabalho: a das origens inconscientes da fantasia como sonho, como devaneio literário e como romance

familiar. Depois de escrever essas páginas, nem desejo entreolhar essas minhas origens fantasísticas semiapagadas: o romance sobre outra pessoa. Posso até dar voltas em torno delas, talvez. Mas chega a ser uma tarefa de Hércules a de remover as pedras que soterram tais raízes-desejos (como nos sonhos e delírios de Hanold, talvez). Guardo, contudo, uma certeza consciente que me alegra (ou, é ela o *dever ser* como imperativo categórico do meu super Eu, ou ainda, fantasias do meu ideal de Eu? nada sei dessas origens!). Tal certeza é a de que a criação literária de um romance sobre outras origens pode ser um deleite prazeroso aberto a todos, e quanto mais elaborada, resulta em valor estético ampliado, e sempre procurado, e sempre desejado (pelo meu inconsciente? talvez).

---

## Bibliografia

### Escritos de S. Freud

“Autobiografia”. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011, vol. 16.

“Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen”. In: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX.

“Escritores criativos e devaneio” (1908[1907]). In: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX.

“Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1911). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011, vol. 10.

“Romance familiares” (1909 [1908]). In: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX.

“A Feminilidade” (1933). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010, vol. 18

*O Eu e o Id.* (1923). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011, vol. 16.

*Psicologia das massas e Análise do Eu* (1921). In *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, vol. 15.

“Conferência 31”. In *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, vol. 18.

#### Livros e artigos utilizados ou consultados

Caneppele, Alessandra. “Do *Édipo rei* de Freud ao Platão de Lacan”.  
<http://www.antiguidade.org/pdf/22-23/22-23-Alessandra.pdf>

Gay, Peter. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Trad. D. Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 2012

Jorge, M.A.C. *Fundamentos da Psicanálise, De Freud a Lacan*. Vol. 2. *A Clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Laplanche e Pontalis. *Fantasia Originária, Fantasias das origens, Origens da Fantasia*. Col. “Transmissão da Psicanálise”, 5, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Mezan, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 7ª. ed., 2006.

Noemi Moritz Kon, *Freud e o seu duplo*. São Paulo: Edusp/Fapesp. 1996

Robert, M. *Romance das origens, origens do romance*. Trad. A. Telles. São Paulo: Cosac Naif, 2007, p. 48.

Roudinesco e Plon. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.